

Editorial / Editorial

Talvez um improvável enigma, a democracia parece guardar em seus séculos uma promessa espúria: todos livres, iguais e em segurança, ao abrigo de uma lei justa, porquanto fundada no bem comum. Ou talvez uma espécie de feitiço, que reinscreve crueldades e violências à sombra das mais luminosas boas intenções. De qualquer modo, a democracia, isso a que temos chamado com tanta convicção de democracia, resiste, há séculos, às inumeráveis evidências de seu fracasso ou, no mínimo, de sua fragilidade. Há séculos, acreditamos na democracia. Acreditamos fervorosamente. E hoje, como no declínio da Antiguidade grega, a democracia parece urgente. Urgente hoje, como nas primeiras convulsões da modernidade europeia e ocidental. Urgente no Brasil, reduto de sociabilidades as mais autoritárias, reduto de microfascismos os mais explícitos. De Platão a Nietzsche, de Kant a Marx, de Montesquieu a Proudhon ou de Tocqueville a Hannah Arendt, a democracia não se resolve, não convence, não se explica. Então, parecemos condenados ao desconforto, relegados ao plano de algum futuro melhor, esperançosos pelo que nunca foi. Parecemos destinados ao fino filo que entrecorta (e paradoxalmente comunica) a revolta e o desencanto. Muito mais do que um projeto de vida em comum, a democracia em seu eterno fracasso vai se tornando sinal de tempos, novamente, sombrios. Contudo, também ao que parece, a democracia é tanto o despotismo quanto a liberdade que temos e, assim, faz-se cabível a questão a respeito dos cuidados que deveríamos considerar, a respeito dos perigos e das armadilhas que deveríamos conhecer e evitar, a respeito, enfim, das liberdades que poderíamos afirmar. Seja lá como pensemos, a democracia é uma multiplicidade sem número: é tanto o discurso que solapa a violência e projeta valores universais (isto é, moral),

quanto as menores práticas de sociabilidades que cobrem o espectro da política, do máximo de autoridade ao máximo de liberdade, em combinações que não cessam.

E é assim que apresentamos, neste número de *Tensões Mundiais*, uma incomum constelação de inquietações, percorrendo a democracia em sua terrível atualidade, transitando entre a teoria e a história em análises tão rigorosas quanto pertinentes. Martonio Mont'Alvene Barreto Lima e Vinícius Madureira Maia elaboram uma cuidadosa análise histórico-crítica da obra de Marcelo Neves, enquanto Rodrigo Santaella Gonçalves apresenta ao leitor o grupo Comuna, formado por intelectuais bolivianos que pensarão a democracia com força desde uma perspectiva pós-colonial e não unitária (no que se refere ao âmbito do Estado). São dois trabalhos de certa originalidade analítica, que possibilitam renovadas teorizações sobre o enigma democrático, abrindo, desse modo, interessantes caminhos locais para que os ventos passem. Convidando a pensar em desdobramentos importantes da questão democrática na atualidade, Vítor de Moraes Peixoto e Jéssica Matheus de Souza deslocam a problematização da adesão à democracia do campo mais tradicional do pensamento político para o espaço intrincado da política contemporânea, redimensionado pela contundência das variáveis econômicas. Será também nos desdobramentos da democracia contemporânea, e nos convidando a pensar numa sintonia pós-colonial, que José Gilberto Biserra Maia, Raimundo Jovanil Pereira Oliveira e Mônica Dias Martins compõem uma pertinente leitura da democracia participativa bolivariana na Venezuela, mostrando a construção do poder popular no projeto socialista desse país, a partir das *misiones* e dos *consejos comunales*. Os últimos três artigos deste conjunto de experimentações vigorosas referem-se a derivas atuais da democracia no Brasil. Vanessa Santana de Jesus Souza prenuncia a possibilidade de um esvaziamento da democracia se reduzida ao simbolismo frente à consolidação pública do discurso autoritário no Brasil. Compartilhando de uma mesma preocupação quanto

aos riscos explícitos de dissolução radical da ordem democrática brasileira, Maísa Martorano Suarez Pardo pensa numa democracia hackeada redefinindo o campo da política, no Brasil, desde as eleições presidenciais de 2018. Encerramos este número de *Tensões Mundiais* sobre a atualidade da democracia, pensando o autoritarismo de tinte bolsonarista como anúncio de grandes e graves perigos, no artigo de Priscila Cabral Dibai. Resta-nos ainda dizer destes textos o que há neles de mais vivaz: sua inconformidade com autoritarismos de toda índole, no tempo de novos despotismos democráticos... Assim, a angústia que os anima e atravessa – e que se repete no trabalho coletivo de reuni-los e oferecê-los ao leitor – é, numa palavra, ética.

Os editores.